Revista Espaço Acadêmico - Nº 103 - Dezembro de 2009
ANO IX - ISSN 1519-6186

Dostoievski e o enigma humano

Elton Moreira Quadros*

Resumo – Discute a interpretação realizada pelo filósofo russo Berdiaeff sobre a obra de Dostoievski e comparar a antropologia do romancista com a antropologia do filósofo Nietzsche

Palavras-chaves: Berdiaeff, Dostoievski, Nietzsche, antropologia, enigma

Abstract – Discusses the interpretation made by the Russian philosopher Berdiaeff on the works of Dostoyevsky and compare the anthropology of the novelist with the anthropology of the philosopher Nietzsche

Key words: Berdiaeff, Dostoievski, Nietzsche, anthropology, enigma

Fiódor Dostoiévski, fotografado em 1879

I

Entre as tentativas de aproximação realizadas pelos filósofos com a literatura, um dos autores prediletos é Fiodor Dostoievski. Entretanto, poucas vezes "ouvimos" as vozes dos interpretes russos. Neste sentido, procuramos mostrar neste texto uma perspectiva interpretativa de um desconhecido filósofo russo; talvez somente, para usarmos as palavras do autor da Genealogia da Moral, "para substituir o improvável pelo mais provável, e ocasionalmente um erro por outro".(NIETZSCHE, 1998, p. 10)

Nicolai Berdiaeff foi um dos mais destacados representantes do existencialismo cristão russo, esta escola filosófica que busca examinar a condição humana numa perspectiva cristã ortodoxa. Como é sabido, a Igreja Ortodoxa Russa, tem papel aglutinador na consolidação da nação Russa.

Nascido em Kiev em 6 de março de 1874, Nikolai Aleksandrovitch Berdiaeff envolve-se em atividades marxistas que o levam a ser condenado, em 1899, a passar três anos no exílio. Tendo cumprido a pena, retorna a Petersburgo e participa da revivescência cultural e religiosa ocorrida aí neste período. No entanto, só ao mudar-se para Moscou, já em 1907, é que aderirá, por algum tempo, à Igreja Ortodoxa.

Após a revolução de 1917, lecionou filosofia na Universidade de Moscou, mas entrou em conflito com o regime, sendo expulso do país. Radicou-se em Paris, onde com outros exilados fundou em 1924 uma academia de estudos filosóficos e religiosos. Fundou também um jornal, no qual combate o comunismo e a desumanização da cultura e da sociedade. Autor de vários livros, nos quais expõe uma filosofia personalista e existencial da liberdade. Os mais conhecidos são: *O destino do homem* (1931) e *Ensaio de metafísica escatológica* (1946).

Morre em Clamart, França, em 23 de março de 1948.

II

Dostoievski foi uma influência decisiva na vida do jovem Berdiaeff. Não só como artista, mas como grande pensador — e como o maior metafísico que a Rússia já teve. E é como que para saldar está influência que o filosofo russo, em sua maturidade, escreve o livro *O Espírito de Dostoievski*, publicado em 1921:

> "Dostoievski concebe as idéias originais, mas concebe-as sempre em movimento, dinâmicas, no seu destino trágico. Recordemos estas linhas que escreveu modestamente sobre si mesmo: "Sou bastante fraco em filosofia (mas não no meu amor a ela; no meu amor a ela sou forte)". Fraco para a filosofia acadêmica que lhe convinha mal, porque seu gênio intuitivo conhecia neste domínio os verdadeiros caminhos. Foi ele um verdadeiro filósofo, o maior filósofo russo. Deu infinitamente à filosofia, e parece que a especulação filosófica deve ser penetrada de suas concepções. A obra de Dostoievski traz um tributo considerável à antropologia filosófica, à filosofia da história, da religião, à moral. Talvez a filosofia lhe tenha dado pouco, mas ela pôde tomar muito dele; se ele lhe abandona as questões provisórias, no que concerne às coisas finais, é ela que vive, desde longos anos, sob o signo de Dostoievski". (BERDIAEFF, 1926, p. 34-35)

Para Berdiaeff, Dostoievski concebe um mundo das idéias completamente diverso do de Platão. Para o romancista russo, as idéias são "o destino do ser vivo, a energia de fogo que o guia". Em Dostoievski as idéias não são arquétipos do ser, as entidades primeiras ou as normas. É penetrando neste "reino" onde são inteligíveis os destinos humanos através de uma *pneumatologia* que se pode compreender a concepção do mundo de Dostoievski, compreender intuitivamente a essência do seu universo.

As idéias são ondas de chama; estão ligadas ao destino do homem, ao destino do mundo e ao destino de Deus. São ontológicas, encerram em si a própria substancia do ser, possuem, em estado latente, uma energia destruidora. No entanto, "Dostoievski mostra-nos que sua explosão espalha ruínas em redor. Mas também elas possuem a energia capaz de dar a vida".

Aqui não se trata de um sistema abstrato, como se esperaria de um artista. A obra de Dostoievski, além de artística, é perpassada por uma intuição intelectual, por um senso filosófico genial. Sua obra, podemos dizer, é uma ciência do espírito.

Berdiaeff acredita que para penetrar no espírito de Dostoievski de maneira integral é preciso ter uma alma aparentada ao universo deste autor. As análises puras são matéria morta frente ao espírito. É preciso vivenciá-lo e, em alguma medida, tratá-lo com a alma de um crente, pois, como diz o próprio Berdiaeff:

> "Não imitaremos muitos dos nossos contemporâneos sempre inclinados a tratar com o bisturi o escritor que apreciam, suspeitando nele alguma enfermidade oculta, algum câncer secreto: iremos ao encontro de Dostoievski pelo caminho dos crentes, mergulhando sem segundas intenções no mundo de suas idéias dinâmicas, a fim de penetrar no segredo de sua concepção fundamental do mundo". (BERDIAEFF, 1926, P. 12)

Ou seja, Berdiaeff talvez esteja em consonância com o método anunciado, anos antes, por Nietzsche: "Em lugar da teoria do conhecimento uma doutrina perspectivista dos afetos (à qual pertence uma hierarquia dos afetos: os afetos transfigurados: seu ordenamento

superior, sua espiritualidade" (FOGEL, 2002, p. 89).

Dostoievski incorpora em si todas as contradições do espírito russo: Apocalíptico, niilista, desmesurado… essas são algumas das autodenominações próprias do povo russo.

No entanto, com Dostoievski surge uma alma nova, uma alma ainda devorada pelos extremos da fé escatológica de um lado, e da descrença destruidora do outro; mas, desta vez, afundada nesta luta interior, sua alma vê-se consumida em chamas, chamas infernais, donde ele se evadia para atingir a luz.

Todos os heróis de Dostoievski são, na verdade, ele mesmo. Seguem o caminho que ele seguiu; os diferentes aspectos do seu ser, seus tormentos, sua inquietude, sua experiência dolorosa, e por isso os romances de Dostoievski não são, propriamente falando, romances: constituem uma tragédia, a tragédia interior do destino humano, do espírito humano único revelando-se sob seus diversos aspectos e em fases diferentes da sua rota.

Dostoievski nos apresenta o homem tomado na sua mobilidade turbulenta, apaixonada, exaltada, levando o leitor a sentir-se como que atravessado por um furacão. Arremessando as personagens das regiões mais profundas do ser, do subsolo em que se agita, oculta, a natureza humana. É impossível voltar-se para a ordem sancionada pelo passado, torna-se imperativo enfrentar o ignorado vir-a-ser. É desvelando o segredo do homem que a arte de Dostoievski se mostra profética. Ao estudar o homem, ele o põe num ambiente inconstante, entre a loucura e o crime. Porquanto é na loucura e não na saúde, no crime e não na legalidade, nas correntes obscuras, inconscientes, e não nas práticas quotidianas, nas partes da alma iluminadas pela grande luz da consciência que se podem sondar as profundezas da natureza humana e tocar-lhe os limites.

A obra de Dostoievski também é conduzida por Dioniso, uma vez que gera a tragédia, pois só consegue mostrar o homem na sua natureza exaltada; "é como se, após termos visitados outros universos, outros planos, tornássemos ao nosso mundo medido, organizado, ao nosso espaço de três dimensões".

E como podemos encarar-nos de novo?

> "Uma leitura atenta de Dostoievski é, na vida, um acontecimento donde a alma recebe como um batismo de fogo. O homem que viveu no universo forjado por ele guarda daí verdadeiramente a revelação de formas inéditas do ser, porque Dostoievski é, antes de tudo, um grande revolucionário do espírito, dirigido contra todas as formas da estagnação e da esclerose".(BERDIAEFF, 1926, p. 19-20)

Ao mostrar a natureza profunda do niilismo, Dostoievski parece saber acerca das regiões subterrâneas do espírito. Dostoievski concebe a vida como o desdobramento do espírito humano. Isto se revela ao comparamos a sua obra à de Leon Tolstoi. Este último se preocupa constantemente com a teologia. Dostoievski, por seu lado, está preocupado com a antropologia, ou seja, o enigma do espírito do homem que o seduz. Não é o problema divino que ele busca resolver; como um homem espiritual, como um cristão, ele busca resolver o problema do homem.

> "Porque a questão de Deus é a que propõe o homem. A questão do homem é a que a si mesmo se propõe Deus, e talvez seja precisamente através do enigma humano que se possa melhor aproximar-se dele. Dostoievski não foi o teólogo, porém esteve, ainda

> assim, mais perto do Deus vivo que Tolstoi, porquanto Deus se lhe revela no destino do homem".(BERDIAEFF, 1926, P. 22)

Essa perspectiva teológica aventada por Berdiaeff lança-nos muito mais próximos da mentalidade do autor de *Os Irmãos Karamazov*.

III

Sobre Dostoievski disse Nietzsche: "Para o problema que se apresenta aqui, o testemunho de Dostoievski é importante – de Dostoievski, o único psicólogo, seja dito de passagem, do qual tive algo que aprender: ele pertence aos mais belos casos de sorte de minha vida, mais mesmo que a descoberta de Stendhal". (GIACOIA, 2001, p. 15)

Comumente e ao longo deste texto, Nietzsche e Dostoievski são postos lado a lado, como os desbravadores do niilismo europeu; no entanto, dificilmente ouvimos falar sobre as conclusões antagônicas a que ambos chegaram.

E a questão do homem apresenta-se como melhor terreno onde se evidenciam essas diferenças. Até porque, aqui, fica clara a opção cristã de Dostoievski.

Berdiaeff concorda que Dostoievski e Nietzsche partem de um mesmo solo, qual seja: a certeza de que "o homem é terrivelmente livre, que sua liberdade é trágica e que ela lhe é um fardo e sofrimento…" No entanto, eles se afastam quando um vai a busca do Homem-Deus, isto é, o Cristo, e o outro vai à procura da deificação/transformação do homem em deus, no Super-homem.

Tanto Nietzsche como Dostoievski estão contra o humanismo racionalista. Segundo Berdiaeff, depois deles é impossível voltar ao velho humanismo racionalista. Entretanto, eles diferem na concepção do homem.

Berdiaeff tem uma visão muito negativa da concepção nietzschiana. Para ele, o filósofo alemão considera o homem como uma vergonha (uma ponte) por vencer no caminho do Super-homem. Assim, em Nietzsche, descobrimos que o culto ao homem criado no humanismo traz a sua própria destruição — o Super-homem.

Berdiaeff acredita que Nietzsche representa o fim do humanismo; nele o Super-homem aparece como um ídolo que devora tão avidamente o homem, que acaba por cair de joelhos ante tudo o que é humano. O Super-homem é a deificação final do próprio homem.

Ao matar Deus, Nietzsche, simultaneamente mata o homem, e "sobre o túmulo destas duas Idéias — Deus e homem — eleva-se a imagem de um monstro, a imagem do homem que quer ser deus".

Já Dostoievski, segundo Berdiaeff, irá desferir o golpe mortal no humanismo. Ele reconhece a ilusão da deificação do homem e, para mostrar isso, explorará profundamente o caminho da arbitrariedade humana. E, além disso, ele possuía outra ciência; via a luz do Cristo.

O cristianismo salvaguarda a idéia humana, pois supõe a essência divina. Em Dostoievski, Deus e o homem existem; "nem Deus devora o homem, nem o homem desaparece em Deus: permanece ele mesmo até o fim e pela consumação dos séculos". O homem participa, para ele, do cerne da eternidade. Toda a obra de Dostoievski é um advogar em favor do homem.

É no cemitério de Nietzsche que o "cristão torturado" Dostoievski encontra os elementos de redenção do destino humano. Neste sentido, pode-se repetir com bastante energia que o espírito de Dostoievski tinha uma tendência por construir e não por destruir, que seu estado de alma o impelia para a

afirmação e não para a negação. Mas ele concebia Deus, o homem e o mundo através de todas as angústias do desdobramento e das trevas. Se compreendeu até o fundo a natureza do niilismo, ele mesmo era antiniilista.

Berdiaeff acredita que com Dostoievski se abre uma fenda no velho mundo, no mundo das trevas do niilismo donde brota uma nova luz. E é preciso compreender que:

> "A tragédia de Dostoievski, como toda tragédia verdadeira, comporta a purificação e a libertação. Não o compreendem aqueles que ele mantém nas trevas inextricáveis, aqueles que ele entristece sem os alegrar. A leitura de Dostoievski dá também uma alegria, uma libertação do espírito. Alegria que se obtém pelo sofrimento. É o caminho que percorre o cristão. Dostoievski ressuscita a fé no homem, na noção de sua profundeza, que o humanismo desconhecera. O humanismo destrói o homem. Este renasce se crê em Deus, e só sob esta condição pode crer em si mesmo. Dostoievski não separa a fé no homem da fé no Cristo, no Deus-Homem. De mais a mais, toda a sua vida ele guardou um sentimento exclusivo, uma espécie de amor exaltado por sua face divina. É em nome do Cristo, por amor infinito ao Cristo que rompeu com o mundo humanitário […]. Esta fé ele a fundira no crisol de suas dúvidas temperadas pelo fogo". (BERDIAEFF, 1926, p. 74)

Portanto, mesmo com as afinidades entre Dostoievski e Nietzsche é necessário registrar os antagonismos existentes entre os dois autores.

IV

Para Berdiaeff, Dostoievski foi o pensador que mais esteve ligado ao homem, encontrando até na mais decadente das criaturas humanas a imagem e semelhança com Deus. Mas seu amor ao homem não foi o amor dos humanistas. Ele associa neste amor uma simpatia infinita com certa aspereza. Prediz aos homens o caminho do sofrimento. Isto está em nexo com o fato de, na sua concepção antropológica, estar encerrada a idéia da liberdade (ou seria livre arbítrio).

Sem liberdade o homem não existe. E Dostoievski conduz toda esta dialética acerca do homem e seu destino como a dialética do destino da liberdade. Ora, o caminho da liberdade é o caminho do sofrimento, que, até o fim, deve ser percorrido pelo homem.

Podemos acreditar que em Dostoievski o homem é lançado ao caminho da liberdade e do sofrimento para daí sair não como um robô que age mecanicamente, mas como um ser livre que, renascido na profundidade do seu sofrimento, vê revelado em si mesmo — o enigma do seu destino.

Referências

BERDIAEFF, Nikolai. **O Espírito de Dostoievski**. Editora Panamericana Ltda, Rio de Janeiro, 1926.

FOGEL, Gilvan. "**Por que não teoria do conhecimento? Conhecer é criar"**. In: Cadernos Nietzsche, n 13, 2002

GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. Editora Unisinos, São Leopoldo, 2001.

* **ELTON MOREIRA QUADROS** é professor de Filosofia no Instituto Nossa Senhora das Vitórias.